



Depoimento

53 ANOS DE RESISTÊNCIA!!! TUOV – TEATRO POPULAR UNIÃO E OLHO VIVO

**Depoimento de Idibal Almeida Pivetta (César Vieira), advogado,
dramaturgo, autor popular e fundador do TUOV.**

“O preço da liberdade é a eterna vigilância.”

“Quando se sente no peito pulsar heróica
pancada deixa-se a folha dobrada
quando se vai lutar.”

Meu pai, Thomaz Pivetta, foi prefeito da cidade de Jundiaí por volta de 1936. As reuniões políticas aconteciam frequentemente em minha casa e eu, menino ainda, delas participava como ouvinte e, às vezes, arriscava dar pequenas opiniões. Já residindo na capital paulista, cursei os colégios Arquidiocesano e Bandeirantes, que ainda hoje existem. Dessas experiências, brotou em mim o gosto pela política no seu sentido mais amplo de defesa do bem comum.

Ingressei, concomitantemente, na Escola de Jornalismo da Cásper Líbero e na Faculdade de Direito da PUC (Pontifícia Universidade Católica) de São Paulo. Nessas duas escolas, fui escolhido como presidente de seus centros acadêmicos, sendo em seguida eleito vice-presidente da UNE (União Nacional dos Estudantes do Brasil). Ali, no Rio de Janeiro, troquei experimentos com acadêmicos de todo o Brasil e, no velho casarão da praia do Flamengo, nasceram importantes campanhas, como a da defesa da Petrobrás, da universidade brasileira e outras.

Em 1968, ocorreu o endurecimento da ditadura que cobria o país. Jornais, sindicatos e centros acadêmicos foram obrigados a paralisar suas atividades e essa onda de violência atingiu todo o Brasil: os *habeas corpus* foram suprimidos e as torturas e censuras de perseguidos políticos viraram normas. Aos advogados pouco restou como instrumentos legais para exercerem seus misteres. Seus escritórios foram vasculhados, seus telefones grampeados e foram tolhidos no seu direito de ir e vir.

Os casos do deputado Rubens Paiva, da diretora teatral Heleny Guariba e do operário Manoel Fiel Filho foram emblemáticos na época. À sua disposição, tiveram apenas os parcos e risíveis decretos nº 314 e 510.

Em São Paulo, vários causídicos estiveram na ativa neste setor: Belisário dos Santos Júnior, Airton Soares, Luiz Eduardo Greenhalgh, Virgílio Enei, José Carlos Dias, Iberê Bandeira de Mello, Joaquim Cerqueira César, Mário Simas, Hélio Navarro, José Carlos Roston, Paulo Gerab, Miguel Aldrovando Aith e outros. Nosso escritório conseguiu, a duras penas, impetrar vitoriosamente

o primeiro *habeas data* no Brasil e, igualmente, obteve êxito no mandado de segurança obtido para que o teatrólogo brasileiro Augusto Boal recebesse seu passaporte, até então proibido em todo território nacional.

A par do meu labor como defensor de perseguidos políticos, escrevi vários textos e estudos teatrais, tais como: *O Evangelho segundo Zebedeu*; *Morte aos brancos*; *João Cândido do Brasil*; *Em busca de um teatro popular* e outros. Praticamente todos esses escritos foram censurados e proibidos. No afã de escapar dessas perseguições, adotei o pseudônimo de César Vieira. Tal estratagemasurtiu efeito por dois anos, quando o Departamento de Censura descobriu esse fato e voltou a proibir todos os meus trabalhos.

Em 1973, saindo de um espetáculo, fui detido juntamente com dois membros do TUOV (Teatro Popular União e Olho Vivo): Roberto Cunha Azzi e Tânia Mendes. E então fui preso por cerca de setenta dias no DOI-CODI, no DOPS e no Presídio do Hipódromo.

Atualmente, o grupo teatral a que pertenço e fui um dos fundadores – o TUOV, que completa cinquenta e três anos de resistência – se apresenta nos bairros periféricos da grande São Paulo gratuitamente com o espetáculo *Bom Retiro meu amor – Ópera samba*, que coloca a estética a serviço da ética e trabalha com base nas manifestações do folclore brasileiro e latino-americano.

O TUOV, em seu meio século de vida é, no dizer de Augusto Boal, um dos mais importantes e antigos grupos teatrais em atividade nas Américas. Seu trabalho é marcado por muita música, suor, tesão, lágrimas, picardia e amor: “Sulcando os mares da fantasia, desfraldando a bandeira da utopia” Suas atividades podem ser definidas pela fala de Antônio Conselheiro, protagonista de *O Evangelho segundo Zebedeu*, que assim se expressa: “Sou como soca de cana, me cortem que eu nasço sempre.”

Publicado em 06/05/2019